



## PRÁTICAS CORPORAIS INFANTIS E MÍDIAS

Élia Raquel Passos  
Ingrid Dittrich Wiggers

**RESUMO:** *Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa de mestrado em andamento. Tem como objetivo geral compreender a relação entre as práticas corporais de crianças e o discurso midiático, no ambiente escolar. As investigações acontecem numa escola pública do Distrito Federal, com crianças entre sete e oito anos de idade. Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, cuja metodologia pauta-se na observação participante. A cultura midiática encontra-se transparente em alguns aspectos da cultura infantil, porém não foram observadas evidências suficientes para afirmar que as práticas corporais das crianças sejam determinadas pela programação da telinha.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Práticas corporais. Infância. Crianças. Mídias.*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo em andamento e é constituinte do projeto de mestrado que examina relações entre práticas corporais de crianças e o discurso midiático, em uma escola pública de ensino fundamental, do Distrito Federal, Brasil. A pesquisa é integrada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

A mídia tem estabelecido uma nova forma de ver e interpretar as situações rotineiras da vida, modificando até mesmo o próprio conceito de infância e o modo de brincar. De acordo com Belloni (2004), as crianças são sujeitos do processo de socialização, fruto da ação de várias instituições, entre as quais se insere o sistema de mídias, especialmente a televisão.

A televisão está presente em 89% dos lares brasileiros, o que representa que a maioria da população a possui e a utiliza como meio de informação e entretenimento, sendo assistida principalmente por crianças (MUNARIN 2007). Por este motivo



destacamos nesse estudo a mídia televisiva. Para Pereira (2008), a telinha assume papel de relevância no dia-a-dia das crianças, brinca com elas, conta-lhes histórias, faz-lhes rir, faz apelo à fantasia e imaginação, mostra-lhe pessoas e lugares variados, permitindo-lhes “viajar” no tempo e no espaço. Partimos do pressuposto de que o aumento da utilização desse recurso provavelmente influencia o comportamento infantil, particularmente, as brincadeiras que se constituem como um elemento da cultura corporal de crianças (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O universo infantil vivencia constantes adaptações e essas, por sua vez, são condicionadas por outro fator que engloba todas as características encontradas nas brincadeiras: a cultura. Neste contexto, faz-se necessário compreender como se dá o diálogo entre a cultura corporal infantil e a mídia no ambiente escolar. De acordo com Brougère (1998), sempre existiram diversas formas de exercer o brincar, porém ao longo do tempo, essas formas e espaços foram se modificando, isto é, cada época traz e carrega novos modos de interpretar as experiências vividas.

O objetivo da pesquisa é compreender a relação entre as práticas corporais de crianças e o discurso midiático, levando-se em consideração a cultura corporal vivenciada na instituição escolar. Estamos realizando pesquisa de campo, a fim de caracterizar como esses indivíduos estão culturalmente apreendendo mensagens midiáticas e, sobretudo, como essas têm se refletido na corporalidade das crianças.

As investigações têm como lócus uma instituição de ensino fundamental da rede pública do Plano Piloto de Brasília, no Distrito Federal, com vinte e três sujeitos entre sete e oito anos de idade. Está sendo desenvolvida entre março e agosto de 2012. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, cuja metodologia pauta-se na observação participante.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 - Mídias e indústria cultural

Algumas características da época em que estamos vivendo são resultantes de mudanças nas instituições e tiveram início na Europa durante a Idade Média. Essas transformações são complexas e contingentes, pois relacionam-se ao processo histórico mais abrangente. Práticas tradicionais ganhavam nova roupagem, o que inferia em novos tipos de ações. Dessa forma, o surgimento da indústria da mídia como nova base de poder



simbólico é um processo que remonta à segunda metade do século XV (THOMPSON, 2012).

Neste trabalho identificamos a mídia como o meio de comunicação de massa. Para Kellner (2001), a mídia é o mais significativo foco dos estudos culturais. Isso se dá pelo fato de ser um campo novo e aberto, em processo de construção e reconstrução, em que quaisquer intervenções devem tentar criar novas perspectivas de análise.

De acordo com Postman (1999), a sociedade atual é marcada pela presença da mídia eletrônica, sobretudo da televisão, que tem homogeneizado informações e entretenimento ao público, caracterizando um novo tempo e modo de agir no mundo. As críticas aos meios de comunicação de massa se intensificaram com o aparecimento da televisão, que se difundiu mundialmente e se tornou o meio massivo de maior importância no tecido social.

Já o entendimento da indústria cultural desenvolvido por Adorno e Horkheimer (1985), analisa a pretensão das mídias à homogeneização dos indivíduos, a partir dos produtos consumidos, independentemente de classe social. Corroborando com os autores citados, Thompson (2012) completa que a reprodutibilidade das formas simbólicas é uma das características que estão na base da exploração comercial dos meios de comunicação.

Ao analisar os brinquedos como produto almejado pelo público infantil, Benjamin (2002) pontua que através deles podemos compreender como os adultos se colocam em relação às crianças. Ainda chamando a atenção para os efeitos dos brinquedos “produzidos em série”, escreve: “[...] quanto mais atraentes forem eles, mais distantes estarão de seu valor como instrumentos de brincar” (BENJAMIN, 2002, p.70).

## 2.2 - Corpos: rascunhos de impressões digitalizadas

Pensar numa definição para o corpo nos remete a predicados e estereótipos como belo, exuberante, feio, alto, baixo, com possibilidades de expressões e movimentos. Caminhar, correr, dançar, brincar, pular, por vezes ficar parado, sentado, de pé, em repouso, dormindo, etc. São muitas as funções do corpo, ou melhor, habilidades adquiridas lentamente no decorrer do desenvolvimento de cada indivíduo. O sistema corpóreo é algo natural e inerente ao ser humano. Já nascemos donos de um corpo. Defini-lo é tentar entender o momento social de determinados tempos, ou seja, o corpo pode ser mais bem compreendido se contextualizado no bojo das relações que o cercam. Não podemos defini-lo como algo exato, ele é plástico e maleável podendo adquirir traços sociais.



Objeto da subjetividade humana, o corpo perpassa as fronteiras da pele e sofre transformações, mediadas pelo contexto histórico-social no qual está inserido. No que tange ao corpo infantil, de acordo com Ariès (1986), até por volta do século XII a arte medieval não reconhecia a infância. Nessa época, os corpos infantis eram representados em atividades próprias da vida adulta. As crianças eram percebidas e vestidas como adultos em miniatura. Assim, as crianças não eram vistas como sujeitos de identidade própria.

Nos dias de hoje, a corporeidade infantil se assemelha à do período medieval. De acordo com Buckingham (2007), os meios de comunicação polarizam as representações corporais, incluindo aquelas referentes à cultura infantil. Os argumentos giram em torno da idéia de que a infância com suas expressões típicas estariam desaparecendo e que as mídias, em particular a televisão, seria a grande responsável pelo processo de adultificação das crianças.

Enfim, para Mauss (2003), o corpo tem seu significado, mas ao mesmo tempo perpassa um entendimento plural. Estudos históricos, sociais e culturais avançam em direção ao entendimento dessa pluralidade.

### 2.3 - Crianças, infância e brincadeiras

A infância pertence a uma categoria social e é parte da história humana. O que denominamos de infância hoje difere dos sentidos produzidos noutros contextos históricos, conforme anteriormente assinalado. As crianças encontram-se em diálogo com o contexto que as cerca. Elas fazem parte de um grupo e suas brincadeiras validam esse pertencimento.

De acordo com os estudos de Kramer (2008), a criança é sujeito da linguagem e da cultura e, ainda, a cognição, a ética e a estética são alicerces para a compreensão de interações na cultura contemporânea. As crianças têm papel ativo na própria socialização, por meio das interações sociais. Portanto, significam e interpretam a vida caracterizando a sua cultura.

Pensar a criança e a infância indica-nos ter uma perspectiva polifônica, conforme Sarmiento e Gouvêa (2008). Partindo destes conceitos e sendo as crianças participantes de uma sociedade que vive momentos de transformações relacionadas à Modernidade, sem dúvida, esses momentos marcam mudanças significativas no que tange aos costumes da vida infantil.



A partir de tais mudanças, podemos refletir como estão configurados os significados da infância, atualmente. Para Souza e Salgado (2008), indagar sobre a maneira de se vivenciar a infância no mundo de hoje, implica levar em conta representações perpassadas através da mídia e sobre a forma que os adultos e, em especial, as crianças interagem com essa cultura.

O acesso das crianças às mídias é tema relativamente controverso na literatura. Kishimoto (2001) elucida que a visão de mundo que as crianças adquirem, descobrem e desenvolvem em diversas áreas, não deve ser considerada como exclusivamente originária dos meios de comunicação de massa, os quais elas acompanham como espectadoras, usuárias e até mesmo como co-produtoras.

#### 2.4 – Escola: cenário para a mídia-educação

A escola é um ambiente bastante diverso, complexo, de contradições, de embates ideológicos e políticos. Nessa diversidade Saviani (2005) defende que a escola é um espaço de socialização e apropriação do conhecimento produzido historicamente pelo ser humano. Dessa forma, a escola torna-se um lugar privilegiado de acesso ao conhecimento científico sistematizado.

Para Ferrés (1996) a escola tem a obrigação de ajudar a interpretar os símbolos de sua cultura, deve fornecer-lhes modelos de interpretação e análise crítica. A televisão é um exemplo de fenômeno cultural impressionante. Todavia, é o meio para o qual os indivíduos encontram-se menos preparados de modo reflexivo e crítico. Dessa forma, percebe-se como a escola fica defasada quando precisa adaptar-se a uma sociedade em mudança.

O conceito de mídia-educação defendido por Belloni demonstra argumentos sobre diferença entre comunicação educacional e mídia-educação, sendo que o último diz respeito à dimensão “objeto de estudo”, enquanto comunicação educacional se refere à dimensão “ferramenta pedagógica”.

### 3. METODOLOGIA

No intuito de esclarecer o objeto de estudo, partimos para a pesquisa de campo. Para tanto, é necessário seguir algumas trilhas e caminhos onde o campo e os sujeitos da





pesquisa são elementos fundamentais. Assim, buscamos bases epistemológicas da pesquisa qualitativa, por meio de observação participante, onde o pesquisador realiza o trabalho empírico constituindo-se de observar os fenômenos ao mesmo tempo em que compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados.

De acordo com Bogdan e Biklen (1997), essa abordagem constitui-se de observação, descrição e análise das atividades cotidianas dos sujeitos e do campo. Dessa forma, torna-se acessível para o observador construir análises a partir de informações obtidas nos espaços naturais, estando o pesquisador imerso na realidade dos participantes. As informações captadas por intermédio da observação são registradas em diário de campo, na perspectiva de captar o não dito, os conflitos vividos, as dúvidas tanto dos sujeitos pesquisados quanto do pesquisador.

O estudo tem como lócus uma instituição educacional pública do Distrito Federal, de ensino fundamental, situada no Plano Piloto de Brasília. Os sujeitos da pesquisa são vinte e três crianças, entre sete e oito anos de idade. O motivo por estabelecermos previamente o nível de escolaridade dos sujeitos se encontra no fato de que essa é uma fase em que as crianças apresentam oralidade mais definida. Trata-se do princípio da “reflexibilidade investigativa” proposto por Sarmento (2000), que se refere à possibilidade de o pesquisador captar através das “falas” das crianças os mundos sociais e culturais dessa idade.

A coleta de dados é caracterizada pela ênfase na compreensão, valendo-se da arte da descrição. Essa deve ser complementada pela explicação dos fenômenos em estudo, nesse caso em particular a mídia e a cultura corporal infantil, procurando-se as possíveis relações dos eventos investigados, numa integração do individual com o social (FREITAS, 2003).

#### 4. RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Após os dados colhidos precisamos montar o quebra-cabeça e permitir que outros vejam as peças encontradas. Dessa forma destacamos, algumas categorias, elementos mais imediatos e perceptíveis no cotidiano das crianças. Em relação ao consumismo, observamos principalmente a aquisição de acessórios escolares que identificam a reprodução de temas dos desenhos animados como “Barbie”, “Ben 10”, “Homen-Aranha”, “Moranguinho”, “Hello Kitty”, bem como algumas marcas esportivas bastante difundidas pela publicidade. De acordo com Brougère (2000), a televisão tem grande influência sobre a imagem dos brinquedos e sobre a forma de seu uso. Segundo o autor, os brinquedos mais vendidos são aqueles que fazem parte de campanhas publicitárias televisivas. A



experiência do consumo sugere prazeres absolutos e ao mesmo tempo se apresenta como a “[...] condição de inserção em um mundo que promete a satisfação de desejos que ele mesmo produziu” (SOUZA, *et al.*, 2000, p. 442).

Encontramos na sala de aula da escola pesquisada caixas com diversos livros e revistinhas, com destaque para a “turma da Mônica” e “Recreio”. Os alunos têm o costume de ler gibi ou um livro ao finalizar a tarefa de classe, de modo que todos os alunos têm acesso a esses materiais e demonstraram apreciar este momento. A professora estimula a formação do caráter, evidenciando temas sobre regras de boa conduta e noção de cidadania, através de leituras de fontes diversas que costuma realizar no início da aula, diariamente.

As atividades lúdicas no momento do recreio giram em torno do “pique-auto”, corrida, saltos. A esperteza de não ser pego anima e enche o pátio escolar de corpos infantis eufóricos. Vez por outra percebemos atitudes de violência entre os participantes. Algumas garotas brincam de imitar e interpretar os personagens do seriado infantil “Rebeldes”, com suas dancinhas. Os meninos, por sua vez, disputam jogos em um vídeo-game portátil.

Embora nesta análise tenha sido exposta apenas uma pequena amostra do mundo infantil observado, pôde-se perceber a influência exercida pela mídia relacionada ao consumo de programas televisivos, como desenhos animados e acessórios escolares. Não foram encontradas, entretanto, evidências suficientes para afirmar que a movimentação corporal das crianças durante as brincadeiras é inspirada de forma determinante pela programação da telinha. As manifestações não se basearam apenas nos conteúdos encontrados na mídia, também surgiram do caráter lúdico tradicional, representado por outras experiências das crianças, como as brincadeiras dos colegas, os relatos de gerações anteriores da família e as proporcionadas pela própria escola.

Em relação aos brinquedos industrializados, com luzes, sons e atrações diversas, alvo de desejo para o mundo infantil, é possível que as crianças não brinquem somente a partir dos objetos industrializados, porém é difícil que escapem deles totalmente. Percebemos que esse aspecto vem tendo destaque no mercado consumidor, que considera os infantes como consumidores em potencial. Os produtos ocupam um lugar tão importante no contexto social, que muitas vezes são mais valorizados que a própria infância.

Com base nas evidências encontradas ressaltamos que a Educação Física escolar precisa dar um passo de maior qualidade, oferecendo aos seus alunos oportunidades de contanto com outras linguagens e outras formas de cultura. Esta dimensão aponta para o



desenvolvimento de novos projetos, em especial de mídia-educação. Este trabalho tem o intuito de despertar a curiosidade e servir de base para pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. E HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254 p.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDCKE, Menga. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da família. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 279 p.

ARROYO, Miguel G. A Infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, M.; GOUVÊA, M. C. S. de (Orgs.). Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 119-140.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, Máquinas e violência. Educ. Soc. V.25 n.87 Campinas maio/ago. 2004

BELLONI, M. L. O que é mídia-educação? 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005. 100 p.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 2002. 119 p.

BETTI, Mauro. A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física. Campinas: Papirus, 1998. 159 p.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto, 1997. 335 p.

BROUGÈRE, G. Jogo e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 218 p.

\_\_\_\_\_. Brinquedo e cultura. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 110 p.

BUCKINGHAM, David. Crescer na Era das Mídia. Tradução: Gilka Girardello e Maria Isabel Orofino. São Paulo: Loyola, 2007. 297 p.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.

FERRÉS, Joan. Televisão e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 180 p.





FREITAS, Maria Teresa; JOBIM, Solange e SOUZA, Sonia Kramer (orgs). Ciências Humanas e Pesquisas: Leitura de Mikhail Bakhtin. São Paulo-SP: Cortez, 2003. 112 p.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A Escrita da História da Infância: Periodização e fontes. In: SARMENTO, M. e GOUVÊA, M. S. C. S. de (Orgs.). Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 97-118.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454 p.

KISHIMOTO, Tisuko M. (Org.) Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 184 p.

MAUSS, Marcel [1872-1950] Sociologia e Antropologia. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosacnaifty, 2003, p. 399-422.

MUNARIN, Iracema. A violência na programação infantil da TV e as brincadeiras das crianças. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciência do Esporte, set. 2007, Recife-PE.

\_\_\_\_\_ Crianças, Mídia e Culturas de Movimento: contrastes entre os mundos vividos nas escolas do campo e da cidade. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciência do Esporte, set. 2009, Salvador-BA.

PEREIRA, Sara. Crianças e Televisão: convergências e divergências de um campo de estudo. In: SARMENTO, M. e GOUVÊA, M. S. C. S. de (Orgs.). Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 222-245.

POSTMAN, Neil. O Desaparecimento da Infância. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999. 190 p.

SARMENTO, Manoel. Lógica de Ação nas Escolas. Instituto de Ação Educacional, 2000.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Orgs). Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 275 p.

SAVIANI. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Solange Jobim e. A infância na cultura do consumo. CONGRESSO INTERNACIONAL “OS MUNDOS SOCIAIS E CULTURAIS DA INFÂNCIA”, 2000.

BRAGA. Anais... Braga: Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho, 2000, v. 3, p. 440-447.

SOUZA, Solange Jobim e; SALGADO Raquel Gonçalves. A criança na idade mídia – Reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: SARMENTO, M. e GOUVÊA,



MARIA S. C. S. de (Orgs.). Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 207-245.

THOMPSON, John B. – A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 330 p.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cultura Corporal Infantil: mediações da mídia e da arte, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 26, n. 3, p. 59-78, maio, 2005.

---

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES E MÍDIA-EDUCAÇÃO

Ingrid Dittrich Wiggers, Álvaro Maurício Moura Paz Ribeiro, Carolina Nascimento Jubé, David Leonardo da Silva de Andrade Teixeira, Élia Raquel Passos, Geusiane Miranda de Oliveira Tocantins, Leiriane Viveiros Gregório



Resumo: *O objetivo da pesquisa é desenvolver e avaliar uma prática inovadora, com enfoque no uso de linguagens midiáticas no âmbito de curso de Licenciatura em Educação Física. O delineamento metodológico se caracteriza por estudo de caso, de nível descritivo, envolvendo atividades de prática de ensino em escolas, com cerca de sessenta estudantes. Os instrumentos aplicados para a coleta de dados foram questionário, trabalhos escritos e vídeos-aula criados pelos participantes. A análise parcial dos dados sugere que a produção de vídeo-aula permitiu aos alunos avaliação da própria prática, auxiliando no planejamento de um projeto pedagógico.*

Palavras-chave: *Formação de professores, Mídia-Educação, Educação Física.*

## 1. INTRODUÇÃO

Um elevado grau de desenvolvimento tecnológico, especialmente ligado às comunicações, vem impregnando a sociedade em geral, desde o século XIX. Esse se faz presente também no campo educacional, o que evidencia as relações entre sociedade e educação (CASTELLS, 1990; LYOTARD, s.d; SHAFF, 1995; TOFFLER, 1990) e evidenciaram o processo de sofisticação tecnológica que se encontra em curso nas sociedades modernas, a partir do século XIX. Por um lado, podemos considerar esse ingrediente como uma oportunidade de inovação das práticas pedagógicas convencionais. Por outro, um risco no sentido da revitalização de um indesejado tecnicismo pedagógico.

A fim de se evitar que a educação mediada por recursos tecnológicos represente outra página da falsa democratização da educação no país, a literatura sobre o assunto recomenda a mídia-educação, ou seja, o uso das tecnologias tanto como “ferramentas pedagógicas” quanto como “objetos de estudo” (BELLONI, 2005). De acordo com Rivoltella (2001), a mídia-educação é uma abordagem interdisciplinar que atua entre a educação, a comunicação e a arte, estimulando a reflexão, pesquisa e intervenção na formação de educadores. Sendo trabalhada de forma a contemplar as abordagens crítica, instrumental e expressivo-produtiva, a mídia-educação promove momentos onde a comunicação e a expressão “[...] implicam na adoção de uma postura crítica e criadora” (FANTIN, 2008, p. 153).



A pesquisa tem como objetivo principal desenvolver e analisar uma experiência de videoprocessamento, com enfoque na área de Educação Física. Foi desenvolvido um estudo de caso, com a participação de cerca de sessenta acadêmicos, por meio de atividades de mídia-educação associadas à prática de ensino em escolas.

## 2. EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA INTERFACE COM AS MÍDIAS

A presença significativa das mídias pode ser observada no campo da Educação Física, considerando que os conteúdos culturais que a compõem, como o esporte, a dança, a ginástica, os jogos e as lutas evidenciam influências dos meios (BETTI, 2006). Sobretudo, os padrões de corpo masculino e feminino difundidos atualmente como modelos ideais de aceitação e de êxito social se consolidaram a partir de 1980, por meio da generalização das práticas de *bodybuilding* nos Estados Unidos, uma das manifestações contemporâneas mais relevantes da cultura do corpo (COURTINE, 1995). A partir deste período diversas esferas sociais, destacadamente a indústria, o mercado e, principalmente, um conjunto de práticas sociais de massa vêm aperfeiçoando as formas de divulgação desses ideais de corpo. Hoje, a imagem do corpo ideal é protagonizada por celebridades e divulgada pela publicidade, espetáculos esportivos na mídia, brinquedos, revistas, programas de televisão, obras literárias, entre outros.

Nesse contexto cultural e educacional o professor de Educação Física, para se fazer melhor compreendido e tornar sua prática significativa, pode integrar ao seu ofício pedagógico os ambientes virtuais e objetos de aprendizagem, que tematizam a cultura corporal de movimento na forma de linguagens midiáticas. Desse modo, poderá contribuir para instrumentalizar crianças e jovens a desenvolver uma apreciação crítica dos meios e evitar armadilhas das representações espetacularizadas de corpo. Para tanto, é necessário que sua formação inicial propicie experiências de letramento midiático na perspectiva de favorecer o pensamento crítico e a cidadania ativa (GIRARDELLO, 2011). Essa é uma política destacada, por exemplo, no documento de princípios básicos da *National Association for Media Literacy Education* (NAMLE, 2007).

Apesar dessa perspectiva integradora das mídias, uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, que fez uso de entrevistas com formadores de professores de Educação Física, chegou a outra conclusão. Os principais resultados obtidos denotaram que o uso das tecnologias ainda sofre resistências pelos professores formadores e que as tecnologias se apresentam apenas como ferramentas pedagógicas, desconsiderando-se a necessária reflexão sobre os meios (BIANCHI; HATJE, 2009).



Em contrapartida, a autoria discente foi valorizada em outro trabalho, que ofereceu a oportunidade de uma produção midiática por parte de estudantes na disciplina de História da Educação Física, em nível superior (ZYLBERBERG, 2009). Os diferentes produtos permearam os estudos da disciplina e ainda tornaram-se instrumentos de avaliação. Entre eles, *websites*, *clipes*, *dvds* ou programas televisivos demonstraram que a aprendizagem pode ocorrer mediada por produção de conhecimento midiático. A pesquisadora concluiu também que essas ferramentas propiciam um ambiente colaborativo, o que é desejado no contexto de uma sociedade da informação.

Sob essa perspectiva a experiência dos futuros professores de Educação Física em cursos de Licenciatura mediados pelas tecnologias de comunicação e informação poderá, sobretudo, representar uma ruptura com antigos moldes e propiciar a necessária contextualização dos professores no século XXI. O projeto político pedagógico institucional de nossa universidade, que se encontra atualmente em fase de consulta pública, aponta nesta mesma direção. Segundo esse projeto, a educação superior mediada pela utilização de TICs pode contribuir para a necessária re-significação de paradigmas de educação.

### 3. DECISÕES METODOLÓGICAS

A metodologia do projeto baseia-se na busca de superação da noção de formação de professores calcada no modelo de racionalidade técnica, que se instaura na separação entre teoria e prática, entre pesquisa educacional e o mundo da escola, entre a reflexão e a ação, que tende a abordar situações e problemas pedagógicos idealizados, por desconsiderar o contexto e a vivência concreta das instituições escolares. Conforme Geraldini, Fiorentini e Pereira (1998), os professores são concebidos como técnicos e tendem ao final de seus cursos de Licenciatura sentirem-se desprovidos de conhecimentos e práticas que lhes auxiliem a dar conta da complexidade do ato pedagógico, que se caracteriza por não ser reprodutível, por envolver subjetividades e valores diferenciados. Para o ato pedagógico, segundo os autores, não cabem soluções padronizadas, nem receitas prontas.

Em contrapartida, pesquisas da área de formação de professores têm demonstrado a necessidade de participação daqueles que fazem e daqueles que farão a educação acontecer em nossas escolas, tanto na definição de políticas educacionais quanto na produção e avaliação de práticas educativas inovadoras. Tais práticas reflexivas buscam diálogo e interação com o atual cenário social no qual se inserem as escolas. Entre esses destacamos Elliot (1991), Schön (1991); Perrenoud (1993); Zeichner (1995) e Nóvoa (1995), entre outros, que defendem a seus modos a formação de um professor-pesquisador. É a partir desta linha de proposição, ou seja, de uma “epistemologia da prática”, que se delineia a metodologia do projeto.





O delineamento metodológico se caracteriza por estudo de caso, de nível descritivo. A pesquisa se realizou em dois campos de ação. O primeiro foi o espaço da sala de aula na universidade, onde se efetiva a disciplina Didática da Educação Física, que almeja propiciar aos alunos uma a integração do uso das TIC. Esta disciplina corrobora ainda com parte dos objetivos do novo currículo de Licenciatura em Educação Física que foi criado, que segue no sentido de “[...] proporcionar a formação pedagógica dos docentes no uso das novas TIC; incentivar práticas pedagógicas inovadoras; promover a produção de materiais didáticos e o compartilhamento por meio de repositórios de objetos de aprendizagem” (Referência de autoria). A Didática é compreendida como uma área de conhecimento que investiga as relações de ensino-aprendizagem (ZABALA, 2010), o que afirma a legitimidade e pertinência da pesquisa sobre mídia-educação neste âmbito. Esse representa a participação total de cerca de sessenta estudantes, durante três semestres consecutivos, além de quatro monitores.

O segundo campo de ação da pesquisa se localiza em escolas da rede de ensino, nas quais se desenvolvem atividades de prática de ensino. Tais práticas se caracterizaram por um conjunto de ações que se iniciam com a visita às escolas pelos estudantes e evoluem para observação e registro de aulas de Educação Física, bem como experiências de monitoria e docência supervisionada em partes de aulas ministradas pelos professores das escolas.

O vídeo foi explorado de modo articulado ao programa da disciplina. O uso do vídeo envolveu igualmente diversas etapas, como uma oficina de linguagem visual para tratar de enquadramento, luz, roteiro e edição. Além dessa, ocorreram a gravação de imagens, a edição e a sua apreciação, conferindo ao vídeo o caráter de “espelho” da ação pedagógica. Complementarmente, apresentamos e debatemos fontes sobre mídia-educação no campo da Educação Física.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que o objetivo do trabalho foi o de analisar uma experiência de videoprocessamento em atividades de prática de ensino de Educação Física escolar, destacaremos os principais resultados. Em primeiro plano se evidenciaram algumas possibilidades heurísticas do vídeo como um espelho para os professores em formação. Em aulas de Educação Física, que envolvem espaços amplos, corpos em movimento e uso de equipamentos variados, ou seja, implicam em dinâmicas complexas de interação entre corpo, tempo e espaço, o vídeo se apresentou como uma ferramenta interessante. De



acordo com Joly (2002, p. 14) “[...] a imagem seria um objeto segundo com relação a um outro que ela representaria de acordo com certas leis particulares”. Assim, a imagem do vídeo evidenciou elementos de reflexão singulares, como a postação da voz, a desenvoltura, a imagem corporal, a interação entre os alunos e professor. Mas, sobretudo, por meio da visualização de tais elementos técnicos do ensino, proporcionou o estabelecimento de correlações entre a prática de ensino e as teorias pedagógicas da Educação Física.

Na disciplina Didática da Educação Física os alunos produzem, ao longo do período, um planejamento de ensino, composto por revisão bibliográfica do tema a ser ensinado, da concepção de ensino e pelo menos dez planos de aula. Este trabalho se inicia com uma visita a uma escola em que os alunos fazem observação dos espaços da instituição, bem como assistem a aulas de Educação Física. Esta visita tem por objetivo o reconhecimento tanto da escola como um todo, bem como a observação diagnóstica da aula de Educação Física, que embasará os planos de aula a serem construídos e aplicados nessa mesma escola. Os planejamentos de ensino são elaborados em duplas ou em trios, sendo que o grupo deve fazer a visita à escola e produzir os planejamentos coletivamente. Na aplicação do planejamento cada um poderá ministrar sua aula individualmente. Em alguns casos os alunos se organizam e ministram aulas conjuntas. O critério de ministrar a aula individualmente segue no sentido de estimular os alunos ao ato pedagógico. Temos ainda que, ministrar as aulas individualmente faz-se necessário, posto que enquanto um dos alunos ministra a aula, o outro aluno filma a aula, portanto a aula se demonstra como um espaço de duplo aprendizado, visto que enquanto um dos alunos trabalha seus conhecimentos referentes ao ato pedagógico o outro trabalha seus conhecimentos provenientes das oficinas de vídeo.

Tomando a visita à escola como referência, os alunos fazem uma revisão bibliográfica acerca do tema a ser abordado, da concepção pedagógica a ser desenvolvida, em suma, fazem uma pesquisa bibliográfica acerca de conteúdos pertinentes visando à melhora de sua atuação pedagógica. Estes planejamentos consistem em uma primeira aproximação dos estudantes ao campo escolar, aonde estes irão experimentar, em muitos casos pela primeira vez, uma atividade que ilustra como a teoria e a prática podem manter uma relação dialética, fazendo-os refletir e desconstruir o dito popular tão presente no senso comum que permeia a Educação Física: “Na prática a teoria é outra.”. A partir das vivências nas aulas de Didática da Educação Física e na escola, na qual visitam e posteriormente ministram a aula, os alunos conseguem entender que a teoria e a prática se relacionam como:



Uma dependência de fundamentação, já que a elaboração da teoria não pode dar-se fora do horizonte da prática. Só a prática é fundamento da teoria ou seu pressuposto. [...] E a teoria que não se enraíza neste pressuposto não é teoria porque permanece no horizonte da abstração, da conjectura, porque não ascendeu ao nível de ação. Por conseguinte, não permitiu ao homem avançar em direção à práxis. Práxis entendida como coroamento da relação teoria/prática e como questão eminentemente humana. O animal absolutamente não pode ser o ser da práxis. (PEREIRA 1982, p. 70)

Sob essa perspectiva o vídeo representou uma mediação entre a literatura acerca das pedagogias da Educação Física e a sua prática, proporcionando maior precisão da relação entre teoria e prática, acarretando em uma reflexão sobre a dicotomia, presente no imaginário dos alunos, entre teoria e prática. A análise dos dados sugere que a produção de vídeo permitiu aos estudantes uma recomposição da própria prática, auxiliando na reflexão e planejamento de um projeto pedagógico. A aprendizagem de linguagens midiáticas associada às atividades de prática de ensino de Educação Física ofereceu a compreensão de elementos longitudinais do ensino, como a relação entre fundamentos teórico-metodológicos e prática educativa em Educação Física, bem como de aspectos transversais, como a interação entre sujeitos, espaço, equipamentos, conteúdos e atividades das aulas.

Ressaltamos também que a utilização do formato transversal da mídia-educação ao longo da pesquisa com os estudantes pode ter colaborado para suscitar interesse pelo curso de Licenciatura. Observamos que no decurso muitos se surpreenderam com o próprio gosto pelo ensino. Não raro somos interpeladas com declarações, tais como: “- Professora, eu me surpreendi. Não imaginava que eu gostaria de dar aulas em escolas”; ou “- Até que eu me saí bem com os alunos. No final eles vieram conversar e dizer que tinham adorado as atividades”. O deslocamento visual do vídeo, portanto, contribuiu para atrair os estudantes às atividades de ensino e ao embasamento teórico nas concepções pedagógicas mais distantes de sua realidade.

A apresentação da versão final dos vídeos ocorre em forma de seminário. A apreciação do conjunto dos produtos audiovisuais proporcionam acesso a um variado acervo de aulas diferentes entre si, que são norteadas por distintas concepções pedagógicas e que enfocam temas variados do campo da Educação Física. Desse modo, os vídeos revelam-se como atividade criativa, no que tange ao trabalho de edição, bem como importante para a socialização do conhecimento, expandindo as possibilidades de aulas



alternativas, enriquecendo, assim, a formação pedagógica dos alunos.

A experiência de aprendizagem social dos jovens nos dias de hoje é feita em ambiente hipermediatizado. O clima tecnológico é percebido facilmente nas novas formas de comunicação cotidiana e nos diferentes aparelhos que os estudantes transportam em suas mochilas (CLARKE; BESNOY, 2010). Por meio dessas ferramentas os jovens não apenas se conectam entre si configurando uma nova cultura juvenil, mas também se apropriam da cultura instituída, localizada em obras e produtos disponíveis para sua apreciação e aprendizagem.

No Brasil, esse cenário ainda não se apresenta de forma genérica na escola pública e nem mesmo nas salas de aula das universidades públicas. Não são todos os estudantes que dispõem de um notebook e muitos de seus telefones móveis parecem desatualizados. Não se pode desconsiderar que o acesso aos aparelhos é limitado pelas condições econômicas dos estudantes brasileiros que frequentam o ensino público, em especial em cursos de formação de professores, como é o caso da Educação Física. Esse perfil cultural pode ser relacionado à pouca experiência e baixo grau de conhecimento sobre a produção de linguagem audiovisual da maior parte dos acadêmicos, o que limitou a qualidade da captação e de edição de imagens em vídeo. Apesar dessa dificuldade, por fim, observou-se interesse e adesão às tecnologias associadas ao exercício pedagógico.

## REFERÊNCIAS

- BELLONI, M. L. O que é mídia-educação. 2. ed. Campinas, Autores Associados, 2005.
- BETTI, M. Imagens em ação: uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em programas de Educação Física no ensino fundamental e médio. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 95-120, maio/ago. 2006.
- BIANCHI; HATJE. 2009. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 16. 2009, Salvador. Anais... Salvador: CBCE, 2009.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLARKE, Lane W. ; BESNOY, Kevin D. Connecting the old to the new: what technology-crazed adolescents tell us about teaching content area literacy? Journal of Media Literacy Education. v. 2. n. 1. p. 47-56, 2010.





COURTINE, J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In D. B. de SANT'ANNA, D. B. (Org.), Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. P. 81-114.

ELLIOT, J. Action research for educational change. Buckingham, Open University Press/Milton Keynes & Philadelphia, 1991.

FANTIN, M. Do mito de Sísifo ao vôo de Pégaso: as crianças, a formação de professores e a escola estação cultura. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Orgs.). Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância. Campinas: Papirus, 2008. p. 145-171.

GERALDI, Corinta M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Orgs.) Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)Campinas, mercado das letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

GIRARDELO, G. Mídia-educação, novos letramentos e produção narrativa infantil: um percurso de pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais... Recife: INTERCOM, 2011. P. 1-15.

JOLY, M. Introdução à análise da imagem. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Lisboa: Gradiva, s.d

NAMLE - National Association for Media Literacy Education: Core Principles of Media Literacy Education in the United States, 2007. Disponível em: < [www.namle.net](http://www.namle.net)>. Acesso em: 3 outubro 2011.

NÓVOA, A. Vidas de professores. Porto, Porto, 1995.

PEREIRA, Otaviano. O que é teoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa, Dom Quixote, 1993.

RIVOLTELLA, P. C. I ragazzi del web: I preadolescenti e Internet, uma ricerca. 3. ed. Milano, Itália: V&P Università, 2001.

SCHÖN, D. A. The reflective turn: case studies in and on educational practice. Nova York, Teachers College Press, 1991.

SHAFF, Adam. A sociedade informática. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TOFFLER, Alvin. Powershift. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre, Artmed, 2010.





ZEICHNER, K. M. Beyond the divide of teacher research and academic research. In: \_\_\_\_\_ *Teachers and teaching: theorie and practice*. 1995. Vol. 1 (2), p. 153-172.

ZYLBERBERG, T. P. Pesquisa-ação e mídia-educação: relato de uma experiência em andamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16. 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: CBCE, 2009.